

MEDIDAS PARA NOVOS HORIZONTES

Pedro Parente

Resumo: Neste ensaio visual apresento uma intervenção com lambe-lambes realizada na praia do Laranjal, em Pelotas (RS), no inverno de 2025, diante de um dique de contenção erguido pela prefeitura do município após a elevação do nível da Lagoa dos Patos. Proponho jogos semânticos com frases curtas que tensionam a arbitrariedade dos sistemas de medição e das medidas de setores públicos e privados em tempos de calamidade climática, remetendo também a fatores históricos e elementos da ordem do imensurável.

Palavras-chave: Medidas. Margens. Antropoceno. Intervenção. Laranjal.

MEASURES FOR NEW HORIZONS

Abstract: This visual essay presents an intervention with Lambe-Lambes carried out at Laranjal Beach in Pelotas (RS) during the winter of 2025 in front of a containment dike built by the municipal government after the rising of the Patos Lagoon. I propose semantic games through short phrases that challenge the arbitrariness of measurement systems and the measures taken by public and private sectors in times of climate disaster, while also evoking historical factors and elements of the immeasurable.

Keywords: Measures. Margins. Anthropocene. Intervention. Laranjal.



3.45

A
C
A
T
A
S
T
R
O
F
E
É
M
A
I
O
R
Q
U
E
A
M
E
D
I
D
A







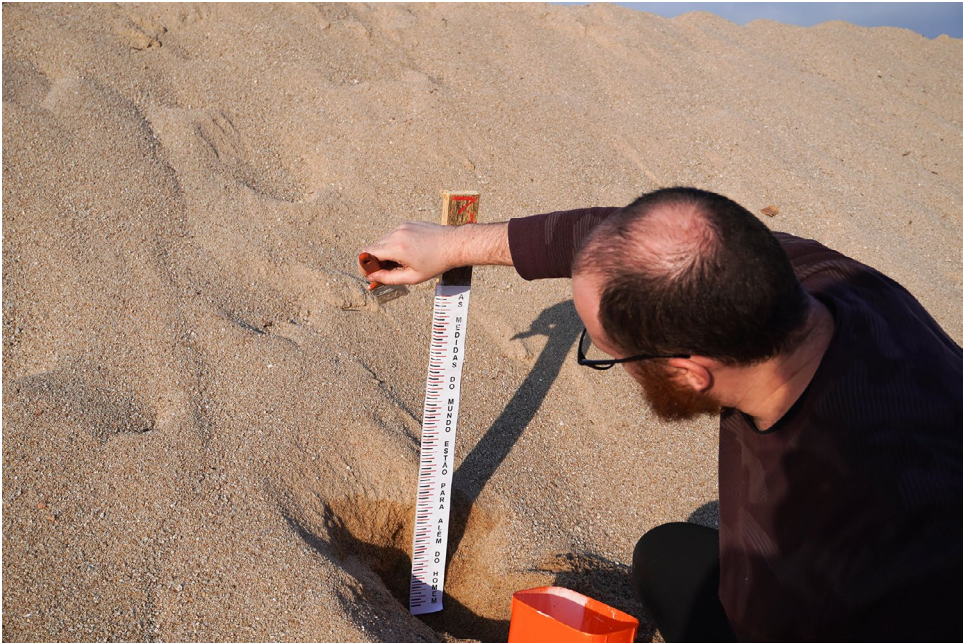








A CATASTROFE SERÁ MAIOR QUE QUALQUER MEDIDA
NA IMENSURÁVEL MARGEM DO ANTROPOCENO
O MAR, O RIO, A LAGOA, AVANÇAM POLEGADA POR POLEGADA
DIANTE DE 500 ANOS DE EXPLORAÇÃO
1,83 BILHÕES DE POLEGADAS DE ÁREA USADAS PARA CONTER O OCEANO
NAS CATASTROFES DO SISTEMA DE PRODUÇÃO E ESGOTAMENTO
AS MEDIDAS DO MUNDO ESTÃO PARA ALEM DO HOMEM
NOVAS ALTURAS DE HORIZONTES EM ELEVAÇÃO
NOVAS DIMENSÕES DE MARGENS EM EXPANSÃO
NOVAS MARGENS DE UMA ESCALA EM EXTINÇÃO
DEVOLVE A DESMEDIDA EXPLORAÇÃO DA TERRA
A IMENSURÁVEL FORÇA DA ÁGUA
A CATASTROFE SE TORNA MAIOR QUE AS MEDIDAS
NA TENTATIVA DE CONTER HORIZONTES DE ÁGUAS A 2,5 METROS
A DISTÂNCIA PARA UM RETORNO PARECE IMENSURÁVEL
A UM PASSO DO COLAPSO
A CATASTROFE É MAIOR QUE A MEDIDA





Neste ensaio visual apresento a intervenção *Medidas para novos horizontes* (2025). O trabalho decorre de uma série de investigações que desenvolvo no Doutorado em Artes no PPGARTES/UFPel, relacionadas a sistemas de medição e às margens da cidade de Pelotas (RS). Nesta pesquisa, busco desenvolver trabalhos que propõem mensurações de elementos imensuráveis, ou que escapam à possibilidade de quantificação pela percepção humana — como a calamidade vivenciada no Rio Grande do Sul em 2024 e que, em 2025, com um novo período de chuvas, voltou a causar temor na região sul do estado.

Em julho de 2025, ao chegar ao Laranjal, praia onde a Lagoa dos Patos encontra a cidade de Pelotas, com cerca de 2 km de extensão de areia, acompanhado de integrantes do grupo de pesquisa *Deslocc – Deslocamentos, Observâncias e Cartografias Contemporâneas* (CNPq/UFPel), deparei-me com um horizonte blindado por um dique de contenção, erguido pela Prefeitura de Pelotas com as próprias areias da praia. Fui tomado por um profundo estranhamento: a imensidão habitual do Laranjal estava agora interrompida por uma parede de areia, que impedia o olhar de vagar ao longe. Naquele contexto, a ausência de horizonte parecia trazer à tona a perda de perspectiva existencial diante da crise ambiental, política e humana que atravessamos neste período nomeado de Antropoceno. Essa sensação se manifestava de forma contundente naquele dique de aproximadamente 2 km de comprimento e cerca de 3 metros de altura.

Instigado pelo que encontrei naquele lugar e por um possível diálogo com elementos que já se fazem presentes em minha produção desde 2018, como os sistemas de medição, concebi a intervenção. Para isso, confeccionei um texto composto por 18 frases curtas, semelhantes a haicais, que funcionam de modo independente, mas também em articulação com o todo. Essas frases foram colocadas digitalmente sobre um vetor de régua de nível hídrico, semelhante à que se localiza nas margens do Canal São Gonçalo, em Pelotas. Posteriormente, as imprimi e apliquei com técnica de lambe-lambes ao longo de parte dos 2 km da praia do Laranjal, fixadas em estacas previamente instaladas pela Prefeitura, que indicavam a altura da água, caso chegassem onde elas estavam alocadas.

Interessa-me, nesse caso, o uso da palavra como forma de tecer jogos semânticos e produzir um *aterramento*: uma noção ou comparação menos abstrata do que uma medida em números, uma vez que

aquilo que se apresentava naquele horizonte escapava a qualquer tentativa de mensuração. Nesse sentido, com o jogo poético e crítico, em frases como “A catástrofe é maior que a medida”, busquei evidenciar a fragilidade das próprias tentativas de contenção: um dique de areia se mostra arbitrário, quase irrisório diante dos acontecimentos recentes e da possibilidade de sua repetição. Soma-se a isso, a ausência de outras medidas, políticas e administrativas que culminaram na calamidade de 2024 e na fragilização e temor ainda recorrente em 2025. Passamos, nesses dois últimos anos, a conviver com o monitoramento e ampla divulgação do nível da água. Mas, após esse período, fica claro que a quantificação de danos, ou mesmo do nível da água, não dá conta das dimensões da tragédia humana e de seus impactos na vida das pessoas, seja materialmente, seja psicologicamente.

Com essas frases e intervenções, procurei provocar quem circulava pelo Laranjal, instaurar diálogos, tecendo também relações históricas – como com os processos de colonização que, na América do Sul, se constituíram em grande parte pela água e que de certa maneira possuem relação direta com o atual sistema de exploração da terra e que acentua as mudanças climáticas. As frases funcionam também como alertas, ainda que, em sua constituição, eu tenha buscado não fechar os possíveis sentidos de leitura a esse aspecto apenas. O que me interessava era propor, por meio dessa intervenção mínima diante daquele horizonte perdido, um gerador de pensamento, uma provocação em direção a uma possível retomada e à constituição de novos horizontes imagináveis dentro da realidade em que vivemos.

LEGENDA DAS IMAGENS

Figura 1 (página 7). Pedro Parente. Dique de contenção na praia do Laranjal, Pelotas, RS, 2025. Fotografia com manipulação digital. Fotografia: Lucas Lindo. Acervo do autor.

Figura 2 (página 7). Pedro Parente. Régua da prefeitura de Pelotas em dique de contenção na praia do laranjal, Pelotas, agosto de 2025. Fotografia: Pedro Parente. Acervo do autor.

Figura 3 (página 7). Pedro Parente. Régua da Prefeitura Régua da prefeitura em dique de contenção na praia do laranja, junho de 2025. Fotografia: Lucas Lindo. Acervo do autor.

Figuras 04-18 (páginas 8-14). Pedro Parente. Medidas para novos horizontes, 2025. Intervenção com lambe-lambes sobre estacas de madeira, 90cm x 8cm. Fotografia: Lucas Lindo. Acervo do autor.

Figura 19 (página 15). Pedro Parente. Medidas para novos horizontes, 2025. Vetor de régua de nível hídrico e palavras diagramadas no Photoshop para posterior impressão. Acervo do autor.

Figuras 20-22 (páginas 16-17). Pedro Parente. Processo de instalação no dique de contenção na praia do laranjal, junho de 2025. Fotografia: Lucas Lindo. Acervo do autor.

Pedro Elias Parente é artista visual, doutorando em artes pelo PPGARTES-UFPeL, mestre em Artes Visuais pelo PPGAV-UFPeL (2022) e bacharel em Artes Visuais pela UFPeL (2019). Sua pesquisa aborda questões relacionadas à memória e às discussões ambientais que atravessam territórios rurais e urbanos no contexto da região sul do Rio Grande do Sul. Trabalha com diferentes meios e materialidades, como vídeo, fotografia e desenho.

Email: pepsilveirarts@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7951-3954>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4771367073671520>